

**Arnaldo Antunes Inclassificável: uma análise dialógica verbivocovisual da linguagem neoconcreta**

**Arnaldo Antunes unclassified: a verbivocovisual dialogic analysis of neo-concrete language**

**Candidata:** Rafaela dos Santos Batista

**Orientadora:** Luciane de Paula

**RESUMO:** Apesar da autodesignação como “inclassificável” artisticamente, esta pesquisa pretende analisar na poética experimental de Arnaldo Antunes (AA), como a verbivocovisualidade se encontra presente como traço estilístico arquitetônico, inspirado pelo grupo Noigandres. O projeto se fundamenta na filosofia da linguagem bakhtiniana, em especial nos conceitos de signo ideológico, voz social, estética e ética, vida e arte, autoria, gêneros do discurso, linguagem e enunciado, uma vez que assume, calcado no Círculo de Bakhtin, a tridimensionalidade da linguagem em sua integralidade potencial e concreta. Pretende-se refletir como a palavra-coisa é trabalhada por AA. Os poemas que comporão o *corpus* delimitado da pesquisa serão coletados de acordo com critérios temático-figurativos, espaço-temporal e genérico, em interação com outros enunciados, selecionados no movimento de pesquisa, calcado na metodologia dialético-dialógica de cotejamento. A pertinência e a relevância da proposta se encontra na reflexão sobre o traço estilístico de Antunes, não só em ato composicional como autor-criador, mas também por ser, AA, ícone de um movimento poético que vivencia, de modo intensificado, a verbivocovisualidade da linguagem, em relação com outros movimentos sócio-político-culturais do século XX, em pleno desenvolvimento no século XXI; e pela poética antoniana refletir e refratar, com seu trabalho metalinguístico, mais que uma concepção de arte e de linguagem, uma noção de mundo e de humano. Ao se voltar para a concepção de verbivocovisualidade como noção de linguagem em ato por meio da poética de AA, esta proposta pretende, como resultado, contribuir com o estudo da linguagem no campo bakhtiniano e nas esferas da arte, das mídias e da educação, uma vez que linguagem, ciência e arte constituem a vida e o ser.

**PALAVRAS-CHAVE:** Círculo de Bakhtin; Verbivocovisualidade; Filosofia da Linguagem.

**ABSTRACT:** Despite the self-designation as artistically “unclassifiable”, this research intends to analyze in the experimental poetics of Arnaldo Antunes (AA), how verbivocovisuality is present as an architectural stylistic trait, inspired by the Noigandres group. The project is based on the Bakhtinian philosophy of language, especially on the concepts of ideological sign, social voice, aesthetics and ethics, life and art, authorship, speech genres, language and utterance, since it assumes, based on the Bakhtin Circle, the three-dimensionality of language in its potential and concrete integrality. It is intended to reflect how the word-thing is worked by AA. The poems that will compose the delimited *corpus* of the research will be collected according to thematic-figurative, space-temporal and generic criteria, in interaction with other statements, selected in the research movement, based on the dialectical-dialogical methodology of comparison. The pertinence and relevance of the proposal is found in the reflection on Antunes' stylistic trait, not only in a compositional act as an author-creator, but also for being, AA, an icon of a poetic movement that experiences, in an intensified way, the verbivocovisuality of the language, in relation to other socio-political-cultural movements of the 20th century, in full development in the 21st century; and by the antonian poetics to reflect and refract, with his metalinguistic work, more than a conception of art and language, a notion of the world and the human. By the concept of verbivocovisuality as a notion of language in action through the poetics of AA, this proposal intends, as a result, to contribute to the study of language in the bakhtinian field and in the spheres of art, media and education, since language, science and art constitute life and the human.

**KEYWORDS:** Bakhtin's Circle; Verbivocovisuality; Philosophy of the Language.

## **Introdução e Justificativa**

Propomos analisar, neste projeto, pela perspectiva bakhtiniana, a linguagem poética de Arnaldo Antunes (doravante AA), tendo em vista o caráter tridimensional e metalinguístico de sua poética, considerada pela tradição como “estranheza”, tendo em vista os trabalhos estéticos de gêneros variados, em contato ou em síncrese uns com os outros, o que caracteriza seu estilo autoral e instiga reflexões, tanto pelo fazer poético, quanto pela noção de enunciado, gênero e poesia.

Desde sua juventude, AA se interessa pelas linguagens artísticas de modo integrado, em diálogo sincrético e fora da esfera ou do suporte canônicos em que circulam os enunciados de gêneros discursivos (em especial, o poético, por inspiração concretista) produzidos pelo autor-criador (desenho, poesia, canção, performance, videoclipe, entre outros). Sua trajetória revela um percurso eclético e multimodal (com produção de diversos trabalhos performáticos e de síncrese entre gêneros, de modo inovador; participação na banda Performática; editoria de revistas; integração na banda Titãs e, em paralelo, trabalho de criação poética). Ao se lançar em sua carreira solo nos anos 1990, AA focou seu trabalho (por ele designado como “inclassificável”) numa poética verbivocovisual e metalinguística. Essas características típicas de seu estilo, constituem um elo histórico entre a arquitetônica de sua palavra e dada tradição de linguagem poética, designada pela crítica como neoconcreta, com seu desenvolvimento em ápice entre o final do século XX e o início do XXI. Por esse percurso, AA pode ser considerado um ícone a ser estudado, de modo dialógico, como representante de uma determinada tradição que preza por uma concepção de linguagem, de arte, de mundo, de fazer estético e de viver ético responsivo-responsável, com consciência metalinguística acerca do seu dizer-fazer e ser-estar-viver no mundo (em especial, na contemporaneidade).

Inspirado pela poesia concreta e seu diálogo com diversas vanguardas brasileiras e europeias, AA criou um modo próprio de compor e expressar sua estética, intrinsecamente ligada ao intento concretista da potência e da expressão da verbivocovisualidade (vvv) como concepção de linguagem e sua relação com o intuito social da arte (fora do papel e das normas acadêmicas tradicionais).

O grupo Noigandres [composto por Augusto de Campos (AC), Haroldo de Campos (HC) e Décio Pignatari (DP)], a partir de Joyce, E. E. Cummings, Mallarmé, Pound, Rimbaud, Maiakóvski, entre outros, cunhou uma concepção de linguagem como propósito (um “tratado”) estético que não apenas caracterizou o movimento concreto e certo gênero poético, mas também uma concepção de mundo, de linguagem e de ser. A característica da síncrese multimodal se tornou não apenas traço estilístico, mas também uma espécie de obsessão por uma visão compreensiva ativa da produção de certa poesia e de uma concepção ampla de linguagem, pensada nas duas primeiras décadas do século XX, retomada, de modo ressignificado e situado, nos anos 50 do mesmo século (XX), nos anos 70 (com o movimento da Tropicália) e, depois, com AA, a partir dos anos 80 até hoje, já como uma outra tradição (que já atravessa um século), com os recursos tecnológicos, cada vez mais desenvolvidos.

A palavra (verbal) é integrada com o som (vocal) e com a imagem (visual), assim como marcada, em sua constituição cognoscível (VOLÓCHINOV, 2017): o signo linguístico é constituído, como já nos ensinou Saussure, por significante – plano da expressão, como chama Hjelmslev, composto por forma e substância do material acústico que se expressa prosódica e discursivamente pela entonação, mesmo que de maneira interna (o discurso interno), não apenas em “voz alta” (BAKHTIN, 2015); e significado – ou plano do conteúdo, conforme Hjelmslev, composto por substância e forma do conceito abstrato, que se realiza, no que Volóchinov (2017) denomina como “consciência cognoscível”, semioticamente, como imagem/conceito (abstrato) mental.

Além disso, conforme Medviédev (2012) e Volóchinov (2017), o signo é ideológico, tendo em vista o que Bakhtin (2011) compreende como *pravda* discursiva. Considerando essa noção, entendemos o que Bakhtin (2011, p. 311) define como “potencial linguagem das linguagens única” (o que podemos chamar de proto-linguagem, ideal, correspondente à constituição semiológica) como a proposição tridimensional do Círculo, em diálogo com uma produção situada no contexto dos anos 20 e 30 do século XX não apenas na Rússia, pelo quadro stalinista persecutório e fechado que vivenciava a configuração política daquela sociedade, mas pela construção do pensamento no “grande tempo” da cultura e da história no mundo daquele momento para os dias de hoje, qual seja: o

intercâmbio sincrético entre esferas, conhecimentos e produções, de modo interno e externo. Assim, mesmo que o Círculo bakhtiniano não tenha usado o termo verbivocovisualidade, sua proposição de linguagem e de enunciado contemplam as prerrogativas da proposta joyceana e concretista.

Como explicita o nome pelo qual ficou conhecido o movimento, os poetas concretos e neoconcretos (como é o caso de AA), experimentam, por meio do trabalho com a própria língua, uma poesia dinâmica, de proposição tridimensional verbivocovisual. Do ponto de vista da invenção/criação, a linguagem cotidiana é entendida e tomada como palavra-coisa, constituída por imagem (tipografia, cores, relevos, projetada em novos suportes, com recursos de registros variados), música (entoação, recursos sonoros, figuras de linguagem, sons do mundo - musicais ou não) e materialidade verbal (uso do sistema linguístico, misturas de línguas, construção de novos lexemas etc), de maneira sincrética unitária, até mesmo com a proposição de instalações e outros gêneros discursivos não-canônicos (“estranhos”) ao que comumente se considera “próprio”<sup>1</sup> do poético.

A partir do intento concreto, especialmente pelo contato com Haroldo e Augusto de Campos, AA produz seu discurso, imerso na verbivocovisualidade como unidade de sua arquitetônica, acentuada pelas múltiplas possibilidades tangíveis pelos recursos desenvolvidos e à disposição na contemporaneidade. AA ressignifica a concepção de arte, poesia e canção ao retomar o projeto antropofágico, como o concebe, em especial, Oswald de Andrade, a partir da segunda denteição do manifesto, como elemento substancial de brasilidade decolonial, *high-tech* e primitiva [explorado pelos modernistas de primeira geração (anos 20 do século XX), por Oswald num segundo momento, de modo mais maduro (anos 30), por alguns poetas específicos nos anos 40 (como João Cabral de Melo Neto, por exemplo, considerado precursor do concretismo, principalmente ao considerarmos o seu diálogo poético com Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade), pela instauração do movimento concretista pelo Grupo Noigandres (nos anos 50), pelos Tropicalistas (nos anos 60 e, em especial, no anos 70) e por parte do *rock* nacional (nos anos 70/80), enfim, pela exploração da ideia em desenvolvimento ao longo do o século XX], ao explorar recursos que evidenciam um movimento

---

<sup>1</sup> O que também pode e é questionado pela proposição concreta e neoconcreta, como veremos na poética de AA.

de contrários-contraditórios (como a caligrafia e os recursos tecnológicos e de edição de vídeos, pela técnica da bricolagem, por exemplo) como traço verbivocovisual de sua estética.

Tendo em vista a proposição elaborada pelo Círculo bakhtiniano, buscamos, com este projeto, pesquisar como a verbivocovisualidade constitui a arquitetônica arnaldiana e, por meio da poética de AA, relacionar a concepção de vvv joyceana e concretista à proposição bakhtiniana de linguagem e de enunciado, tendo em vista a relação interna-externa, de potencialidade e materialidade, para verificar traços dessa percepção de linguagem na proposta do grupo russo, como já têm estudado Paula (2017), Paula e Serni (2017) e Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e, 2021a, 2021b, 2022a, 2022b), entre outros pesquisadores do GED – Grupo de Estudos Discursivos e como os integramos em nosso percurso em desenvolvimento [com as Iniciações Científicas realizadas ao longo dos 4 anos de graduação – com 4 pesquisas (PIBIC-CNPq AF)].

Neste projeto, o foco se concentra em analisar o *corpus* de 14<sup>2</sup> poemas, em cotejo com outras produções, que abarcam o imaginário de AA, a fim de mostrar que a preocupação com a afirmação de sua concepção verbivocovisual de linguagem e de poesia é uma constante em sua arquitetônica.

Partimos do pressuposto assumido pelo próprio autor-criador que designa seu fazer estético como “inclassificável”, como uma forma de afirmar seu posicionamento de ruptura com a tradição, segundo ele, calcada em rótulos e na estabilização discursiva, ao se esquecer da “relativa estabilidade” dos gêneros (discursivos) e sua interação com outros gêneros e esferas. AA, ao adentrar vários campos em seu fazer estético, caracteriza-se, ao mesmo tempo, como poeta, artista plástico, cantor, escritor e compositor. Suas obras misturam códigos em sua arquitetônica, dado que se preocupam, inclusive, com a tentativa metalinguística de se autodesignar e se autocaracterizar.

O nosso pressuposto é o de que pela experimentação genérico-discursiva, Arnaldo questiona a realidade da linguagem e extrapola limites pré-estabelecidos para o seu uso e para seu fazer estético ao modificar grafias, alterar sintaxes, mudar nomenclaturas, experimentar caligrafias, explorar desenhos e outras imagens e sons, expressar texturas, trabalhar com cores, linhas e diferentes formas

---

<sup>2</sup> O *corpus* previamente selecionado está citado na p. 17, na seção em que descrevemos a metodologia. Para não ficar redundante e por questão de espaço, não o citamos aqui, mas indicamos a página em que a seleção pode ser visualizada.

imagéticas e vocais em seus poemas, vídeos e canções. Com isso, o autor-criador intensifica sua poética e desenvolve, com sua estética elaborada, a proposta (neo)concreta da palavra-coisa viva.

Para cumprir com a proposta aqui explicitada, dialogamos o projeto de dizer de AA com o do grupo Noigandres, fundador da proposta de verbivocovisualidade da poesia concreta no Brasil, uma vez que, como dissemos, os concretistas formularam sua visão tridimensional de linguagem ao pensarem na proposição e no termo elaborado por Joyce para seus romances.

Ao explorarem, de forma experimental, com a tipografia, as cores, a disposição do texto verbal (como elemento integrante, mas não o único, da composição do objeto artístico) e a fonologia em máxima potência, a palavra resultou em “coisa”, uma vez que o fonema se tornou a menor unidade significativa (e não mais apenas “distintiva) da língua, já que altera e constrói novos sentidos, como modo de possibilitar a experimentação criativa, os poetas concretos experimentam, em ato, a *pravda* da proposição verbivocovisual da linguagem. Essa concepção chega à contemporaneidade e adentra a arte de outros autores, como a de AA, inspirando, não apenas autores específicos como “pontos fora da curva” historiográfica da poesia, mas também como uma concepção de arte e de linguagem interativa, que demanda intersecções, constitutivas do ser e da sociedade (multimodal). Por isso, a necessidade e a relevância deste estudo, por meio de um percurso histórico, poético e filosófico.

A Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD), como tem sido chamada (cunhado por Brait), no Brasil, concentra-se no enunciado em diálogo vivo, feito por sujeitos situados que expressam vozes sociais que refletem e refratam embate infra e superestrutural, de forças contrárias (centrípetas e centrífugas) em movimento, materializados em enunciados de gêneros variados. Mesmo que as leituras mais canônicas enfatizem que a filosofia da linguagem bakhtiniana tenha foco no enunciado verbal (especialmente, no romanesco), percebemos, em nossas leituras, tanto a composição quanto o interesse do Círculo russo por outras linguagens, alicerçado no diálogo.

A própria formação, trajetória e estudos de alguns integrantes do Círculo russo revelam isso. Medviédev, por exemplo, fundou uma companhia de teatro mambembe e traz à suas propostas sobre linguagem, elementos da oralidade e da performance teatral. Sollertinski e Volóchinov estudaram

música de concerto e ópera. Jakubinskij e Volóchinov voltaram-se à relação entre discursos orais, cotidianos e a linguagem artística em uso. Bakhtin mencionou, de modo reiterado, a importância da relação do discurso verbal com a situação de enunciação (gestos, leitura em voz alta, expressões faciais e corporais etc), além de também ter se interessado pelo teatro.

Em um percalço que se debruce sobre o contexto russo, as obras do Círculo, relacionadas a alguns estudos de pesquisadores do Brasil e do mundo, notamos um diálogo entre a concepção bakhtiniana de linguagem com outras proposições, de diversos autores e áreas do conhecimento. A verbivocovisualidade aparece como característica da proposição bakhtiniana, ainda que não com esse termo nesse complexo quadro aqui rapidamente traçado, com base em Paula e Luciano (2020).

Para atingir os propósitos aqui elencados, trabalharemos com os conceitos de linguagem e enunciado do Círculo, a partir dos textos-fonte dos autores e de pesquisadores da área (tais como Amorim, Brandist, Brait, Faraco, Geraldi, Grillo, Haynes, Machado, Marchezan, Paula, Ponzio, Stafuzza, Tihanov, Villarta-Neder, Wall, Zavala, entre outros). Afinal, a concepção complexa de linguagem, como dissemos, ainda que não explicitada pelo termo verbivocovisual nas obras bakhtinianas, advém de seu arcabouço teórico, em conjunção com outros estudiosos canônicos da linguística (como Saussure e Hjelmslev, por exemplo) que, mesmo de um outro ponto de vista epistêmico, já trabalham essa questão ao tratarem das concepções de signo, linguagem, semiose e consciência, como apontado por Paula (2017) e seu Grupo de Estudos (o GED), num desdobramento epistemológico que engloba os enunciados multimodais e alarga o entendimento sobre linguagem, a partir dos arcabouços bakhtiniano e concretista, na contemporaneidade. Ao tratar disso, a partir da poética de AA, esta proposta também pretende contribuir com os estudos do campo (bakhtiniano).

A pertinência deste projeto se encontra em, a partir e por meio da estilística poética de AA, estudar sobre a verbivocovisualidade, tomada como centro, tanto da estética araldiana, quanto de determinada corrente do pensamento filosófico e do estético-literário. Com isso, esta pesquisa pretende contribuir com os estudos da linguagem, ampliar o escopo do campo de pesquisa bakhtiniano e refletir sobre a relação arte-linguagem viva, como elemento constitutivo do ser e da cultura.

Socialmente, enfatizamos a relação desta proposta de estudo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, pois a pesquisa tem impacto social e revela a sua relevância especialmente ao considerarmos o seu vínculo estreito com o ODS 4 – Educação de Qualidade, uma vez que, com o seu desenvolvimento, este estudo se volta à inovação teórico-metodológica e analítica da verbivocovisualidade, a partir da poesia neoconcreta de AA e, indiretamente, apresenta uma contribuição epistemológica para a área, pois colaborará com a noção de linguagem (especialmente, de linguagem poética) e com os multiletramentos, em variadas esferas.

## **Objetivos**

Os objetivos desta pesquisa se dividem em Geral e Específicos, destacados como:

### *Objetivo Geral*

. Refletir sobre a verbivocovisualidade como proposta integral filosófica de linguagem do Círculo de Bakhtin ao verificar a possibilidade de encontrar ressonâncias da concepção de palavra-coisa na poesia arnaldiana, tomada como exemplar ilustrativo da exploração dessa noção tridimensional.

### *Objetivos Específicos*

. Analisar a arquitetônica poética de Arnaldo Antunes para demonstrar a metalinguagem como elemento potencial que define, em ato, o trabalho com a palavra-coisa, tomada em sua verbivocovisualidade enunciativa material;

. Desenvolver aspectos metodológicos de análise, calcados na verbivocovisualidade;

. Tratar da pertinência da perspectiva bakhtiniana para analisar a poética de AA, em sua constituição verbivocovisual, tendo em vista a abordagem brasileira em diálogo com outros modos de mobilizar o escopo bakhtiniano, em especial, os estudos culturais ingleses, voltados para a linguagem poética (para isso, realizar BEPE na Queen Mary University, com a supervisão do Professor Galin Tihanov).



## Fundamentação Teórica

As concepções bakhtinianas de dialogia, enunciado, estética/poética, reflexo-refração-dupla refração, signo ideológico e autoria, junto com a noção de verbivocovisualidade, destacam-se nesta proposição, uma vez que calcam o pensamento sobre a linguagem, base teórica desta pesquisa.

Segundo Volóchinov, “O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação sîgnica*” (2017, p. 93 – grifos do autor). Tudo o que é ideológico se expressa (semiologica/cognoscivelmente) em signo/enunciado, ou seja, na palavra, de modo concreto.

Por materialização/concretude, não entendemos a mera identificação com a explicitação semiótica (em outras palavras, se um enunciado se apresenta como verbal, visual ou vocal/sonoro; ou em síncrese parcial – verbo-visual, verbo-vocal ou voco-visual), pois, como verificamos, tanto ao estudar a proposição concreta (exposta no *Tratado da Poesia Concreta*, concebido pelo grupo Noigandres), quanto ao nos debruçarmos ao escopo do Círculo (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev, Jakubinskij, Sollertinski, Yudina): 1) a concretude de um enunciado se processo, primeiro, como proto-linguagem, internamente, na consciência cognoscível e, depois, explicita-se em enunciado, materializado de dada maneira, num determinado gênero discursivo; 2) mesmo quando pensamos em um enunciado, à primeira vista, exclusivamente materializado por um código, como ele depende do primeiro processo (interno), ele apresenta sua tridimensionalidade.

Por isso, consideramos, como Paula (2017), que a linguagem se caracteriza por essas três dimensões (verbal, visual e vocal/sonora). Mesmo ao considerarmos “apenas” o signo verbal, não podemos nos esquecer que ele é, a priori, composto como verbo-vocal ao considerarmos a sua entonação prosódico-discursiva (todo signo linguístico é pronunciável vocalmente e, a depender do tom, da tonalidade e da entoação, no ato de sua expressão viva, ele se torna um enunciado, como bem exemplificou Volóchinov, no ensaio “Palavra na vida e palavra na poesia”, 2019). Do mesmo modo, ao enunciar um signo, internamente, o sujeito constrói uma imagem cognoscível que se refere a um objeto (mesmo que abstrato, como o caso dos signos emotivo-volitivos) do mundo social. Logo, o

signo, *per se*, é verbivocovisual. Libras é um bom exemplo, pois a gestualidade facial e corporal expressa a entonação vocal/oral da comunicação, de um outro modo. Negar essa proposição sígnica significa negar uma epistemologia canônica do pensamento ocidental e da linguística contemporânea.

Do ponto de vista da proposição concretista e da poesia neoconcreta arnaldiana, essa construção se expressa em máxima potência, pois a palavra-coisa quer, como objetivo de intuito entendido como “primitivo”, a fusão explícita dessa tridimensionalidade. Isso fica claro quando consideramos um ensaio escrito por AA, denominado “Sobre a origem da poesia” (escrito para um espetáculo de dança<sup>3</sup>), em que ele explicita essa concepção:

A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem. Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não-poético, já que, restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas.

Como se ela restituísse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa – que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história.

A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos flashbacks de uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades – significante e significado.

(...)

No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermediam nossa relação com as coisas, impedindo nosso contato direto com elas. A linguagem poética inverte essa relação pois vindo a se tornar, ela em si, coisa, oferece uma via de acesso sensível mais direto entre nós e o mundo.

Segundo Mikhail Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, “o estudo das línguas dos povos primitivos e a paleontologia contemporânea das significações levam-nos a uma conclusão acerca da chamada ‘complexidade’ do pensamento primitivo. O homem pré-histórico usava uma mesma e única palavra para designar manifestações muito diversas, que, do nosso ponto de vista, não apresentam nenhum elo entre si. Além disso, uma mesma e única palavra podia designar conceitos diametralmente opostos: o alto e o baixo, a terra e o céu, o bem e o mal, etc”. Tais usos são (...) bastante comuns à poesia, que elabora seus paradoxos, duplos sentidos, analogias e ambiguidades para gerar novas significações nos signos de sempre.

Já perdemos a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou assim como a criação se desapegou da vida. Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade. (ANTUNES, 2000, s/p)

Com essas palavras, de certa forma, AA explicita sua concepção de linguagem e de poesia. E cita Bakhtin/Volóchinov para corroborar com a noção concreta/neoconcreta que concebe, em diálogo

---

<sup>3</sup> Texto na íntegra inserido no libreto do espetáculo *12 Poemas para dançarmos*, dirigido por Gisela Moreau, em 2000.

com um possível linguagem primitiva. Esse texto, de certa forma, traz à tona o projeto de dizer a poesia arnaldiana, dialogada com a concepção de linguagem concreta verbivocovisual, tendo como embasamento a noção bakhtiniana, textual e diretamente citada.

Essa concepção considera o signo vivo, ideologicamente saturado, uma vez que constitutivo e expresso na e pela linguagem, no âmbito social. A ideologia “[...] não se situa dentro de nós, mas entre nós” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 49). Os signos compõem os enunciados que emergem e se expressam em interação, por sujeitos socialmente organizados. Cada signo ideológico reflete e refrata posicionamentos socioculturais, organizados em enunciados que constroem realidades de linguagem, com sentidos responsivos, pois “A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação sígnica, determinadas diretamente por todo o conjunto de leis socioeconômicas” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98).

Ao compreender que “Qualquer fenômeno ideológico sígnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94), é que este projeto se pauta numa concepção de linguagem, como afirma Bakhtin (2011, p. 311), que sustenta “Todo sistema de signos (isto é, qualquer língua)”, pois

por mais que sua convenção se apoie em uma coletividade estreita, em princípio *[o sistema]* sempre pode ser decodificado, isto é, traduzido para outros sistemas de signos (outras linguagens); conseqüentemente, existe uma lógica geral dos sistemas de signos, uma potencial linguagem das linguagens única (que, evidentemente, nunca pode vir a ser uma linguagem única concreta, uma das linguagens) (BAKHTIN, 2011, p. 311 – destaque nosso por se tratar de adaptação do texto).

O verbal passa a ser verbivocovisual. No modo como o Círculo de Bakhtin encara a linguagem, há a percepção de uma linguagem englobante, composta pelas dimensões verbal, vocal/sonora e visual, materializada potencial (interna) e/ou explicitamente (externamente) em enunciados organizados de acordo com os projetos de dizer dos sujeitos, configurados em gêneros discursivos em funcionamento nas esferas de atividades, em movimento dialético-dialógico de produção, circulação e recepção. A vvv se apresenta na relação das marcas enunciativas explícitas e internas, na consciência cognoscível, construindo os sentidos, em interação viva.

AA, com sua percepção inclassificável de si, cria poemas (neo)concretos, experimentais, videopoemas que integram sua arquitetônica. Ele explora a verbivocovisualidade em sua poética ao trabalhar a materialidade da palavra/linguagem com as três dimensões simultânea e explicitamente, como objetivo de seu projeto de dizer, que se explicita pela temática e pela figurativização metalinguística de e sobre poesia. A questão da tridimensionalidade da linguagem como concepção poética dinâmica é o centro desta proposta porque é fulcral na arquitetônica composicional arnaldiana, (neo)concreta e bakhtiniana. Assim, a poesia de AA ilustra, como célula-viva, a palavra-poesia/coisa que reflete e refrata uma concepção de linguagem, ser-sujeito e mundo.

A normatividade de um gênero pode mudar ao longo da história. Ao apreender a realidade, um gênero pode surgir ou atualizar um existente, como demonstrado pela poética de AA que, inspirada no concretismo, renova o gênero poesia, como será realizado.

Ao considerarmos o estilo, a forma e o conteúdo do gênero poético, o posicionamento do autor-criador se expressa, numa relação esteticamente criadora, destacada por Bakhtin:

Integram o objeto estético todos os valores do mundo, mas com um determinado coeficiente estético; a posição do autor e seu desígnio artístico devem ser compreendidos no mundo em relação a todos esses valores. O que se conclui não são as palavras, nem o material, mas o conjunto amplamente vivenciado do existir; o desígnio artístico constrói o mundo concreto: o espacial com o seu centro axiológico - o corpo vivo -, o temporal com o seu centro - a alma - e, por último, o semântico, na unidade concreta mutuamente penetrante de todos (2011, p. 176).

A autoria é imprescindível na construção arquitetônica do enunciado estético porque passa por ela a escolha temática e a forma composicional criativa, assinada por seu estilo. Por isso, para compreender o enunciado arnaldiano e pensar sua estética, trabalharemos também com a noção de autoria proposta pelo Círculo russo, em conjunto com as demais noções (dialogia, enunciado, estética/poética, reflexo-refração-dupla refração, signo ideológico e verbivocovisualidade), anteriormente mencionadas. Arnaldo Antunes, enquanto autor-criador, posiciona-se fora de sua poética. AA empreende sua palavra-coisa a um terceiro (leitor ideal) por meio da instauração ou de um sujeito-lírico outro (uma personagem diferente de seu eu autoral) ou ao objetificar sua palavra, viva por si, sem um interlocutor-mediador entre ele (autor-criador) e seu outro (leitor). Quando constrói um poema que apresenta um sujeito-narrador-personagem, este assume uma função estético-

formal que reflete e refrata uma voz social que, em contato com o leitor ideal, compõe sua palavra-coisa viva, a poesia. Afinal, como afirma Medviédev:

Pois até aqueles fenômenos, em geral superficiais, no desenvolvimento do enredo, [...] são expressões de uma espécie de interação do autor com o leitor, o jogo entre duas consciências, uma que sabe, outra que não sabe, uma que espera, outra que rompe essas expectativas, e assim por diante (2012, p. 191-192).

A autor-criador é que arquiteta o embate de vozes sociais no enunciado estético ao configurar o tom valorativo e a tonalidade emotivo-volitiva de caráter multissêmico, característico do signo que, num dado enunciado poético, pode ser composto por um mesmo material semiótico com diferentes significações axiológicas, tendo em vista a configuração arquetônica de cada poema. Afinal, “[...] toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 140), responsiva:

Todo enunciado (...) responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais. Todo monumento continua a obra dos antecessores, polemiza com eles, espera por uma compreensão ativa e responsiva, antecipando-a etc. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 184).

Nesse embate, o engajamento do autor-criador (AA, no caso) se manifesta, por meio da interação de vozes sociais, como dupla refração da vida, semiotizada pela configuração estética da linguagem de sua arte/poética em interação com outros enunciados, sujeitos, estéticas e culturas, tendo em vista que “*O centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216 – grifos do autor). Por isso, a dialogia é o centro nevrálgico que ancora esta proposta de pesquisa: os 14 poemas que constituem o *corpus* deste estudo serão analisados em diálogo com outros enunciados do autor, uma vez que, juntos, compõem a poética arnaldiana. O cotejo evidencia a metodologia dialético-dialógica (PAULA L, FIGUEIREDO e PAULA S, 2011) bakhtiniana.

Podemos pensar na filosofia bakhtiniana como uma proposição de ato discursivo, no caso, ato estético como agir ético que concebe o mundo e o ser por meio da linguagem/poesia-coisa verbivocovisual viva, em que o leitor aguça os sentidos e os funde em ato sinestésico, pois lê a

imagem, vê o som, toca e escuta o signo linguístico, em hibridismo estético metalinguístico de jogo entre arte/poesia e vida, pois, conforme Bakhtin:

A arte, também, é imanentemente social; o meio social extra-artístico afeta de fora a arte, encontra resposta direta e intrínseca dentro dela. Não se trata de um elemento estranho afetando outro, mas de uma formação social, o *estético*, tal como o jurídico ou o cognitivo, é *apenas uma variedade do social* (1976, p. 2 – grifos do autor).

A vida se expressa em nossos enunciados. A arte parte da vida e a reconfigura, atribuindo-lhe sentido. Desse modo, arte e vida estão interligadas. Nas obras de AA, em potência elevada. As noções teóricas apresentadas amparam nosso estudo e fundamentam a pesquisa proposta, pois não se pode falar de verbivocovisualidade sem falar de dialogia, enunciado, estética/poética, reflexo-refração-dupla refração, signo ideológico. A poética arnaldiana é, como ele afirma, “inclassificável”, dada a sua amplitude e complexidade. Complexidade que não aceita enquadramentos em rótulos (classificabilidade). Afinal, sua obra é poética, canção, performática, experimental ou neoconcreta? E Arnaldo Antunes é poeta, performer, artista plástico, compositor, cantor, músico ou o quê? Tudo isso e nada disso ao mesmo tempo. Como o autor-criador entoava em sua canção (“Inclassificáveis”, *O Silêncio*, 1996, 6ª faixa): “Aqui somos mestiços, mulatos / Cafuzos, pardos, tapuias, tupinamboclos / Americarataís, yorubárbaros”, “Egipciganos, tupinamboclos / Yorubárbaros, carataís / Caribocarijós, orientapuias / Mamemulatos, tropicaburés / Chibarrosados, mesticigenados / Oxigenados, debaixo do sol”, “Somos o que somos / Inclassificáveis / Inclassificáveis”.

Por meio da síncrese de e entre palavras que designam identidades específicas, AA mistura povos e culturas num gesto linguístico-discursivo criativo antropofágico que nos identifica pelo plural, pela miscigenação, pela heterogeneidade. Essa não é apenas a identidade que atribui a si (no singular), como sujeito social, brasileiro e humano ou como artista ou ainda nos engloba (todos nós, outros), mas também caracteriza e concebe a identidade de sua arte-poética, de modo metalinguístico, como diversa e plural. Melhor: “inclassificável”, “fora da curva” ou do enquadramento.

Nessa pluralidade sincrética verbivocovisual se encontra a singularidade ética-estética de AA, sua diferença não indiferente, sua complexidade aparentemente simples, sua palavra/poesia-coisa, seu sentido de existência, seu legado, seu “O que” (*Psia*, 1986), seu “Nome” (*Nome*, 1993), seu “O

nome não” (*Tudos*, 1990) porque “Ou e” (*Ou e*, 1983), “Se não se” (*Nome*, 1993), “Mesmo” (*Nome*, 1993), “Amba e amba ...” (*Et eu tu*, 2003), “02” (*Outro*, 2001)...“Superficialma” (*Palavra Desordem*, 2002) de “Todas as coisas” (*As coisas*, 1992), “Tudo” (*Palavra Desordem*, 2002). Esse não é apenas nosso *corpus* de pesquisa ou um ser-objeto de linguagem (poética). Mas, sim, um sujeito de linguagem em uma linguagem de e entre sujeitos. Afinal, participarmos da vida por meio do diálogo e nos colocamos por completo na linguagem. Esse é AA, somos nós, é o Círculo. Elos e unicidades.

### **Plano de Trabalho e Cronograma de Execução**

A pesquisa tem a previsão de ser desenvolvida em 30 meses, de fevereiro de 2023 a julho de 2025, tendo em vista a totalização de 24 meses de realização da pesquisa de mestrado no país somados a 6 meses de realização do BEPE (daí a soma total de 30 meses, contando todo o período de formação de mestrado) – justificado pelo aprofundamento dos estudos culturais e literários bakhtinianos de forma internacionalizada. As atividades serão realizadas em cinco semestres, como segue:

- . Primeiro semestre (fevereiro de 2023 a julho de 2023): cumprimento de créditos, embasamento teórico, descrição contextual e delimitação definitiva do *corpus*;
- . Segundo semestre (agosto de 2023 a janeiro de 2024): embasamento teórico, análise preliminar do *corpus*, cumprimento de créditos e apresentação da construção parcial da dissertação;
- . Terceiro semestre (fevereiro de 2024 a julho de 2024): interpretação do *corpus*; análise dos primeiros resultados, escrita substancial da dissertação e exame de qualificação;
- . Quarto semestre (agosto de 2024 a janeiro de 2025): realização do BEPE na Queen Mary University, com a supervisão do Professor Galin Tihanov, para aprofundamento dos estudos culturais e literários, calcados no escopo bakhtiniano – de modo a ampliar os horizontes da pesquisa;
- . Quinto semestre (fevereiro de 2025 a julho de 2025): Resultados da pesquisa, revisão final da escrita, entrega da versão definitiva da dissertação e realização de defesa da dissertação.

Os encontros individuais com a orientadora serão mensais. A participação da aluna nas reuniões do GED – Grupo de Estudos Discursivos, coordenado pela orientadora, será semanal, bem como as orientações coletivas, por debate temático. Mesmo à distância, no semestre em que a aluna se encontrará no exterior, as reuniões de orientação, individuais e coletivas, assim como sua participação no GED permanecerá ativa e assídua, sem interrupção.

A pesquisadora se compromete a participar, com apresentação de trabalho, de, pelo menos, quatro eventos acadêmicos expressivos da área no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, assim

como se compromete a apresentar os resultados da pesquisa em forma de publicação de, no mínimo, dois artigos em periódicos de alto impacto, indexados e bem qualificados na área ou capítulos de livros com seletor corpo editorial no decorrer de sua formação.

Algumas atividades ocorrerão de maneira concomitante e a média de atividades por semestre se encontra equilibrada ao longo de todo o período, como pode ser visto no cronograma de execução:

<b>Etapas</b>	<b>1º período 1º sem/2023</b>	<b>2º período 2º sem/2023</b>	<b>3º período 1º sem/2024</b>	<b>4º período 2º sem/2024</b>	<b>5º período 1º sem/2025</b>
Embasamento teórico	X	X	X	X	X
Contextualização	X	X			
Créditos em disciplinas	X	X	X		
Análise do <i>corpus</i>	X	X	X	X	X
Relatório Parcial			X		
Exame de Qualificação			X		
Solicitação Auxílio BEPE			X		
Realização do BEPE				X	
Relatório BEPE					X
Relatório Final					X
Defesa da Dissertação					X
Créditos em evento	X	X	X	X	
Publicações	X	X	X	X	X
Reuniões do GED	X	X	X	X	X
Reuniões de orientação	X	X	X	X	X

## **Material e Métodos**

A proposta de pesquisa aqui apresentada se caracteriza como qualitativa, de caráter analítico-interpretativo, com metodologia dialético-dialógica (PAULA L, FIGUEIREDO, PAULA S, 2011), calcada nos estudos bakhtinianos, que considera o movimento discursivo como jogo social por meio da linguagem (no caso, entendida como tridimensional), em cotejo.

A partir dos critérios metodológicos (1º) temático-figurativo (metalinguagem: poemas neoconcretos que tratem da temática da linguagem poética ao se constituírem, figurativamente, como poesia neoconcreta, com o estilo autoral de AA) e (2º) temporal (poemas produzidos de 1983 a 2003, compreendendo os primeiros 20 anos da arquitetura do autor-criador pesquisado), selecionamos os seguintes 14 poemas (tendo a ideia de 7 por década, mas não necessariamente de modo igualitário, uma vez que não encontramos um equilíbrio numérico entre as produções em cada obra publicada



ao longo dos anos – por isso, o critério quantitativo não nos pareceu ser essencial. Até porque, trata-se de uma pesquisa qualitativa) que irão compor o objeto de estudo de nossa pesquisa:

- . “Ou e”, do livro de mesmo nome (1983);
- . “O que” (*Psia*, 1986);
- . “O nome não” (*Tudos*, 1990);
- . “Todas as coisas” (*As coisas*, 1992);
- . “Soneto” (*Nome*, 1993);
- . “Se não se” (*Nome*, 1993);
- . “Mesmo” (*Nome*, 1993);
- . “Nome” (*Nome*, 1993);
- . “O mar tem voz” (*2 ou + Corpos no Mesmo Espaço*, 1997);
- . “Agá” (*2 ou + Corpos no Mesmo Espaço*, 1997);
- . “02” (*Outro*, 2001);
- . “Superficialma” (*Palavra Desordem*, 2002);
- . “Tudo” (*Palavra Desordem*, 2002);
- . “Amba e amba ...” (*Et eu tu*, 2003).

Como, de 2003 a 2023 já se passaram mais 20 anos, talvez, essa delimitação mude no decorrer da pesquisa. De todo modo, os poemas serão analisados de maneira situada e interacional para pensarmos o processo integral da arquitetônica verbivocovisual neocronceta arnaldiana.

Segundo o pensamento bakhtiniano, no qual fundamentamos nossos pressupostos teóricos (especialmente calcados nos conceitos de dialogia, enunciado, estética/poética, reflexo-refração-dupla refração, signo ideológico e autoria, entre outros<sup>4</sup>, junto com a noção de verbivocovisualidade), a interação língua(gem), história e sociedade não é “extralinguística”, mas sim constitutiva da palavra (entendida como verbivocovisual) e essa concepção fundamenta esta pesquisa.

Pensaremos a temática, a figurativização e o estilo arquitetônico “inclassificável” de AA e, por meio de sua enunciação-enunciada, refletiremos sobre a verbivocovisualidade da linguagem, de modo dialético-dialógico. Afinal, conforme Paula L, Figueiredo e Paula S (2011, p. 92),

[...] para o Círculo, o movimento é dialógico (ou dialético-dialógico) porque, apesar de considerar o movimento dialético (com todos os seus elementos: tese, anti-tese e

---

<sup>4</sup> Como os conceitos do Círculo não aparecem nem podem ser tratados de modo isolado, uma vez que um descende do outro, a quantidade de noções citada pode parecer extensa, todavia, dada a circunstância de formulação e abordagem metodológica dialógica, várias noções serão abarcadas em conjunto, uma vez que não se dissociam. Por exemplo, trabalhar a ideia de estética de Bakhtin implicará trabalhar a noção de ética, de ato, de ideologia e de signo ideológico para pensarmos a poética arnaldiana, tendo em vista a concepção bakhtiniana tridimensional de linguagem. Como refletir sobre a concepção de uma linguagem verbivocovisual a partir da filosofia bakhtiniana, da noção joyceana e da concepção concretista de vvv, em ato na poética de AA, é um objetivo dessa pesquisa, não podemos nos furtar de realizar essa movimentação entre teoria filosófica, estudos culturais, literários, historiográficos e análise discursiva.

síntese), não admite a síntese como superação, mas como continuação do diálogo travado anteriormente.

A interação sem solução (sem síntese entendida como “ponto final, mas sim como novo recomeço”) norteará a pesquisa a ser desenvolvida, com um diálogo alteritário entre enunciados, em um embate incessante e inacabado (como jogo infundável que mobiliza historicidades – anterioridades/passado e posterioridades/futuro – e sujeitos – eu-outro –, em seus atos de linguagem), mas com acabamento estético/poético. Esse movimento vivo da linguagem é que possibilitará as reflexões propostas sobre a poética verbivocovisual arnaldiana.

A metodologia de análise verbivocovisual será desenvolvida em conjunto com a orientadora, com base nos estudos de Paula (2017) e de Paula e Luciano (2022), considerando os recursos tecnológicos e os estudos existentes na seara do audiovisual, assim como definem as normativas científicas. Os dados produzidos, serão coletados de modo físico e/ou digital oficial, armazenados bibliográfica ou digitalmente em arquivo pessoal seguro, com autorização prévia do autor para utilização em pesquisa e, quando for o caso, divulgação dos resultados (em formas de artigos, capítulos de livros, apresentações de trabalho e da própria dissertação). O procedimento de produção dos dados obedecerá às normas de coleta específicas ao trabalho de pesquisa com materiais poéticos e audiovisuais, conforme a ABNT. Os dados gerados terão como base a materialidade disponibilizada e autorizada, portanto, nos responsabilizamos pela condução das boas práticas de pesquisa.

### **Forma de Análise dos Resultados**

Os resultados da pesquisa serão analisados de maneira qualitativa e serão divulgados em forma de artigos científicos e capítulos de livros, bem como de apresentações de trabalhos em eventos, além de ter a escrita da dissertação como o produto mais bem trabalhado na apresentação dos resultados da pesquisa realizada de modo aprofundado, inclusive com vislumbre de internacionalização.

A pesquisadora se compromete em apresentar seus resultados em, no mínimo, quatro eventos acadêmicos expressivos da área no decorrer do desenvolvimento do mestrado e se compromete ainda

a apresentar os resultados da pesquisa em forma de publicação, de no mínimo, dois artigos em periódicos indexados na área ou capítulos de livros com qualificada equipe editorial.

Os dados gerados e os resultados da investigação serão divulgados e disponibilizados de forma gratuita, com segurança e tratamento ético, calcados na conduta da ciência aberta.

## **Bibliografia<sup>5</sup>**

- ANTUNES, A. *Ou E*. São Paulo: Edição do artista, 1983.
- ANTUNES, A. *Psia*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- ANTUNES, A. *Tudos*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- ANTUNES, A. *As coisas*. São Paulo: Iluminuras, 1992.
- ANTUNES, A. *Nome*. Rio de Janeiro: BMG, 1993.
- ANTUNES, A. *2 ou + corpos no Mesmo Espaço*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- ANTUNES, A. *Doble Duplo*. Barcelona: Zona de Obras / Tan, 2000.
- ANTUNES, A. *Palavra Desordem*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- ANTUNES, A. "Palavra". In: GULLAR, F. *Boa Companhia*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- ANTUNES, A.; BISCAIA, M.A.; BAPTISTA, J.V. *Outro*. Curitiba: Mirabilia, 2001.
- ANTUNES, A.; GOMES, P. *Alma*. 2001. Disponível em: <https://youtu.be/Ckmlbjr1n0>. Acesso em: 18 mai 2020.
- ANTUNES, A.; XAVIER, M. *ET Eu Tu*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro*. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2001.
- BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Rio de Janeiro: 34, 2017.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Rio de Janeiro: 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BAKHTIN, M. *Questões de Estilística no Ensino da Língua*. Rio de Janeiro: 34, 2013.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2010.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: UNESP e HUCITEC, 1988.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a Estilística*. Rio de Janeiro: 34, 2015.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. SP: 34, 2018.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance III: O romance como gênero literário*. Rio de Janeiro: 34, 2019.
- BAKHTIN, M & DUVAKIN, V. *Mikhail Bakhtin em diálogo: Conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. São Carlos: Pedro & João, 2008.
- BRANDIST, C. *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics*. London: Pluto Press, 2002.
- BRANDIST, C.; TIHANOV, G. (orgs.). *Materializing Bakhtin: The Bakhtin Circle and the Social Theory*. Basingstoke: Macmillan, 2000.
- BUBNOVA, T. *Do corpo à palavra: Leituras bakhtinianas*. São Carlos: Pedro & João, 2016.
- CALEFATO, P.; PONZIO, A.; PETRILLI, S. *Fundamentos de Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Vozes, 2007.
- CASSOTI, R. S. *Il linguaggio musicale nel circolo di Bachtin, Ivan Sollertinskij, Marija Judina*. Tese de Doutorado. Bari: Universidade de Estudos de Bari, 2002 (Mimeo).
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.
- HAYNES, D. J. *Bakhtin and the visual arts*. Nova Iorque: Cambridge, 2008.
- JAKUBINSKI, L. *Sobre a fala dialogal*. São Paulo: Parábola, 2015.

---

<sup>5</sup> As referências aqui elencadas compõem a bibliografia básica utilizada e consultada para a confecção deste projeto e ainda algumas obras a serem estudadas ao longo da pesquisa. Não se trata, no entanto, de uma bibliografia fechada. Ela será complementada de acordo com nossos estudos, no decorrer de nossa formação.

- LOMUTO, M.; PONZIO, A. *Semiotica della musica*. Bari: Graphis, 1997.
- MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.
- PAULA, L. de. *Verbivocovisualidade: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem*. Projeto de Pesquisa em andamento. Período de 2017- atual. Mimeo, s/d.
- PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. O Marxismo do/no Círculo. *Slovo – o Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos*. Curitiba: Appris, 2011.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos*, 8(3), 2020a, p. 132-151. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>. Acesso em: 13 dez 2021.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 49, n. 2, 2020b, p. 706-722. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/269>. Acesso em 12 dez 2021.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, v. 33, n. 3, 2020c, p. 105-134. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. Acesso em: 06 dez 2021.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. *Polifonia*, v. 27 n. 49, 2020d, p. 15-46. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366>. Acesso em 04 dez 2021.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Recepções do pensamento bakhtiniano no ocidente: a verbivocovisualidade no brasil. In: A. B. J.; T. S. B. (Orgs.). *No campo discursivo – teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2020e, p. 133-166.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. The Verbivocovisual Architectonic of the Stage La Conversione Di Un Cavallo. *Global Journal of Human Social Sciences-A - GJHSS-A*, V. 21, 13, 2021a, p. 01-13. Disponível em: [https://globaljournals.org/GJHSS\\_Volume21/E-Journal\\_GJHSS\\_\(A\)\\_Vol\\_21\\_Issue\\_13.pdf](https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/E-Journal_GJHSS_(A)_Vol_21_Issue_13.pdf). Acesso em 10 jan 2022.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. As noções bakhtinianas de linguagem e enunciado. *Letras de Hoje*, 56(3), 2021b, p. 453-464. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42207>. Acesso em 10 set 2022.
- PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, 11 (25), 2017, p. 178-201. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/6507>. Acesso em: 06 dez 2021.
- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Volume 1, Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis*. Volume 2, Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2012.
- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Volume 3, Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: concepções em construção*. Volume 4, Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2019.
- POESIA É Risco: *antologia poético musical, de O rei menos o reino a Despoemas, em colaboração com Cid Campos*. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra9925/poesia-e-risco-antologia-poeticomusical-de-o-rei-menos-o-reino-a-despoemas-em-colaboracao-com-cid-campos>. Acesso em: 18 de Mai. 2020. Verbete da Enciclopédia.
- PONZIO, A. *A Revolução bakhtiniana – o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008.
- SANTOS, A. *Arnaldo Canibal Antunes*. Brasil: Nversos, 2013.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Rio de Janeiro: 34, 2017.
- VOLÓCHINOV, V. *Palavra na vida e palavra na poesia*. Rio de Janeiro: 34, 2019.